

A TEOLOGIA HOJE

Márcio Roberto Pereira Tangerino

1. A ENCRUZILHADA DOS PARADIGMAS EPISTEMOLÓGICOS

Na história recente da Teologia da Libertação percebiam-se duas preocupações: uma de cunho epistemológico e outra vinculada a critérios sócio-geográficos e econômicos: daí uma preocupação em dar satisfação para os grandes centros do saber sobre a teologia que se produzia na América Latina e sobre a legitimidade de se fazer uma teologia encarnada na periferia do mundo, com conseqüências práticas suficientemente conhecidas.

Aqui nos interessa, primeiramente, o campo da epistemologia¹.

Neste campo se enfatizavam as mediações necessárias para se fazer teologia – mediação sócio-analítica, mediação hermenêutica e a mediação teórico-prática¹. Na primeira mediação dava-se ênfase às ciências do social, mormente à sociologia e à economia, mas eram frágeis ainda os critérios de cientificidade que embasavam a mesma. O que se fazia e o que estava ausente ali?

Fazia:

- Caracterizava-se exaustivamente o contexto sócio-histórico-econômico e cultural da América Latina, deduzindo corretamente que é diferente falar de Deus em

⁽¹⁾ O tom coloquial do texto permanece exatamente igual ao do momento em que a palestra foi proferida. Para efeito de publicação apenas acrescentamos as referências bibliográficas das obras consultadas por ocasião da preparação desta aula. A parte introdutória sobre qual é o objeto da teologia não aparece aqui.

⁽¹⁾ Cf. BOFF, C., *Teologia e prática*, 1982; BOFF, L., *Teologia do Cativo e da Libertação*, 1987; BOFF, L., *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, 1988; BOFF, C. & BOFF, L., *Da libertação – o teológico das libertações sócio-históricas*, 1979; GUTIERREZ, G., *Teologia da Libertação*, 1975, entre outros.

uma realidade de miséria e pobreza quando comparado com a realidade de ostentação e consumo do primeiro mundo.

- Mostrava, sempre com a ajuda das ciências sociais (a teoria da dependência de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto era seu substrato sociológico), os contrastes entre os poucos ricos e o número crescente de pobres, colocando em relevo as tensões decorrentes dos conflitos de classes.
- Desvelava o papel ideológico das religiões na manutenção e reprodução do modo de organização da sociedade.

Não fazia ou era frágil:

- Era frágil naquilo que a filosofia chama de gnosiologia (ou teoria do conhecimento) e também no campo da epistemologia (concepção de ciência). De onde se conclui isso?
1. Internamente não se dialogava com as ciências no campo mesmo das ciências, ou seja, na linha da constituição do objeto, na relação que se estabelece entre sujeito e objeto, na problematização que envolve o sujeito que conhece e seus pressupostos ontológicos, entre outros. A discussão entre Popper e Horkheimer, a contribuição teórica de Thomas S. Kuhn e Habermas, não faziam parte do cardápio da teologia latino-americana.
 2. A contribuição da física quântica, mais recentemente, tem sido abordada na discussão dos novos paradigmas, mas era pouco mencionada há anos atrás.
 3. Aspectos importantes da antropologia cultural eram deixados em segundo plano. Em relevo estavam as classes sociais.

Com isso se conclui que a questão política do fazer teológico estava em primeiro plano e o rigor científico estava menos presente. Juan Luis Segundo² e Clodovis Boff³ constituíam-se como exceções, mas com visões bastante diferenciadas (em termos de referencial teórico chego a pensar que havia uma distância tão significativa entre as

⁽²⁾ SEGUNDO, J. L., *Libertação da Teologia*, 1978.

⁽³⁾ BOFF, C., *op. cit.*, 1982.

diversas correntes da Teologia da Libertação⁴ que a tornava frágil pois, freqüentemente, era confundida ou tida como um instrumental de aplicação imediata diante das urgências da pastoral).

O fim do SOCIALISMO REAL e a postura mais conservadora⁵ do papa JOÃO PAULO II, somadas às debilidades expostas acima, lançaram novos desafios à Teologia da Libertação, numa espécie de enigma da esfinge: "Decifra-me ou te devoro".

Acuada internamente (*ad intra ecclesia*), nova postura eclesiológica e teológica do Vaticano, e externamente (*ad extra ecclesia*), na ausência de um horizonte histórico, a Teologia da Libertação teve que encarnar uma nova problemática. Novas questões foram tematizadas e, aquilo que na prática das Comunidades Eclesiais de Base já vinha acontecendo, precisou de fundamentação teológica.

Questões que se tornaram emergentes:

- Gênero: uma teologia a partir das mulheres (teologia feminista).
- Etnia: uma teologia a partir dos negros e outra a partir dos índios.
- Ecologia: a defesa do meio ambiente, da vida humana, a preservação dos meios não renováveis do planeta terra (florestas, oceanos, fontes de água potável, animais, entre outros).
- Redefinição teológica da categoria pobre (para além do campo da economia e da sociologia).
- Minorias (homossexuais, por exemplo).
- Subjetividade (construção simbólica que o indivíduo faz mediado pelos elementos de sua cultura e de sua época histórica)

Para dar conta dessa nova realidade e se sentindo impotente, a teologia latino-americana precisou recorrer a novos instrumentais teóricos, daí a necessidade de buscar novos paradigmas científicos para alicerçar sua epistemologia. Nesse diálogo emergem com força a física quântica, a teoria da relatividade, as ciências naturais (biologia), a

⁽⁴⁾ Cf. SEGUNDO, J. L., *Entrevista sobre a Teologia da libertação*, 1982.

⁽⁵⁾ Cf. LIBÂNIO, J. B., *A Volta à grande disciplina*, 1984. Eu também tratei desta problemática em *A Política na Igreja do Brasil*, 1997.

psicologia e a antropologia. As ciências sociais (mormente a sociologia e a economia), neste momento, ficam num segundo plano.

A Teologia da Libertação, agora, aparece multifacetada, de tal forma que muitos falam da mesma no tempo pretérito: foi, era, seria... Contudo, devemos salientar, como fez Juan Luis Segundo em "Libertação da Teologia", que sua vitalidade está em incorporar os novos problemas de cada época histórica.

Isso não quer dizer que não devemos tomar alguns cuidados pois corremos alguns perigos. Vejamos:

- São características da pós-modernidade e adiante destacamos: salientar o imediato deixando de lado a historicidade; fragmentar o real em múltiplas realidades menores; desconectar as partes do todo dando a falsa impressão de que o todo é igual à soma das partes; realçar o subjetivismo não a subjetividade, caindo no individualismo; reduzir os sonhos coletivos aos sucessos de cada um; tratar a religião não como um fenômeno social, ligada à vivência comunitária, mas reduzindo-a a um consumo individual, verticalizando ao máximo a relação entre seres humanos e o transcendente.
- Hoje se pretende diluir a força das classes sociais em uma fragmentação fantástica de categorias sociais que desmobiliza as classes populares (mais do que mobiliza), discurso que de alguma forma também se faz presente em meio a agentes sociais e políticos de matriz teórica de esquerda.
- Salientar as diferenças étnicas ao extremo, gerando xenófobos de toda espécie (medo do estrangeiro, do diferente) e narcisistas inconscientes ("Narciso acha feio o que não é espelho"). Se a quebra da ideologia da superioridade de uma raça sobre outra se impõe como condição para a construção de um mundo fraterno, é preciso cuidar para que não se cometam os deslizos acima.
- Salientar a questão de gênero em instituições machistas, em uma sociedade igualmente machista é muito salutar, por outro lado a grandeza dessa bandeira não deve apressar produções teológicas pouco fundamentadas.

Penso que é urgente recolocar e retrabalhar as categorias teológicas salvação e pecado, em referências históricas reais, não perdendo o dado da transcendência mas buscando na imanência histórica os fatos dos quais os primeiros se constituem como significados. Ou seja, a luta contra toda espécie de maniqueísmo que caminha subjacente às concepções dualistas do real. Deus salva onde os seres humanos se libertam.

Para além dos elementos aqui colocados lembramos sempre que o ponto de partida de toda Teologia é a fé, mas que, na tentativa de dar racionalidade àquilo em que acreditamos é fundamental o diálogo com as ciências de um modo geral e, ao mesmo tempo, levarmos em conta a REVELAÇÃO, a TRADIÇÃO e a COMUNIDADE⁶ de onde se faz teologia. Essa lembrança é apenas para os alunos(as) da 1ª série, pois os das seguintes já devem ter esses dados como pressupostos.

2. TEOLOGIA PARA LEIGOS: UMA TEOLOGIA ESPECÍFICA?

Agora, especificamente para nós leigos e leigas que fazemos teologia, o que é bom ter claro?

- evidentemente isto tem se constituído num problema, pois a diferenciação entre leigos(as) e clero não é entendida como uma diversificação de ministérios, mas muitas vezes, ou na maioria das vezes, como constitutivo da autoridade. Assim o sacerdote é a autoridade e os leigos(as) os subordinados(as).
- O que significa fazer teologia dentro da Universidade (Universidade Católica)?

Vamos por partes. Na raiz da primeira questão está o processo de institucionalização⁷ que o cristianismo primitivo percorreu e também, sociologicamente falando, a transformação de uma seita em Igreja. Assim, num primeiro momento, ser cristão significava passar por um longo e difícil processo de conversão (nos momentos de perseguição a própria vida estava em jogo) e essa trajetória era marcada pelo

⁽⁶⁾ BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*, 1998.

⁽⁷⁾ SEGUNDO, J. L., *Teologia aberta para o leigo adulto. Essa comunidade chamada Igreja*, 1978.

aprendizado teórico/prático dos fundamentos do cristianismo. Ser cristão neste sentido era tarefa para poucos, sobretudo para aqueles ligados aos estratos sócio-econômicos mais baixos, ou àqueles identificados com essas categorias sociais. Mas, à medida que o número de cristãos aumenta, aparece a necessidade de uma divisão social dos trabalhos no interior da comunidade religiosa, gerando uma crescente burocratização dos serviços religiosos e ao mesmo tempo uma consolidação da Instituição.

Quando finalmente o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, bastava nascer nas regiões interiores ao limites geográficos do Império para ser cristão. O pagão estava para além das fronteiras. Neste sentido, ser cristão já não era difícil, bastava a "sorte" de nascer num determinado território. A partir daí a ignorância religiosa passa a ser constitutiva dessa nova etapa do cristianismo e os novos cristãos(as), em sua grande maioria ignorantes, ou seja, leigos(as), precisavam ser alvos do ensino religioso cristão, precisavam ser iniciados na doutrina religiosa.

Então, ao longo da história da Igreja, o poder do clero (em grande parte) está assentado no monopólio do saber, ao qual os leigos(as) só têm acesso em parte, não deixando, portanto, de ser leigo(a) nunca.

Diante desse pressupostos, penso que jamais deveríamos ter um curso de Teologia para Leigos se isso significar um curso diferenciado em seu conteúdo, pois que, na sua contraposição, estará o curso para os sacerdotes (ou padres), o que apenas ajudará a aprofundar as diferenças e a distância entre os mesmos. Ora, não tem mistérios e conhecimentos que o clero possa ter acesso que sejam vedados aos leigos(as) sob pena dos últimos continuarem como cristãos(ãs) de segunda categoria, porque ignorantes.

Também acredito que fazemos teologia não para fazermos uma "guerra" particular contra o clero, isso decretaria o fim do mesmo curso. Fazer teologia hoje significa estarmos mais bem preparados para enfrentar os desafios que a realidade atual nos coloca, ou seja, queremos através da teologia ser contemporâneos de nosso tempo, compreender as relações sociais com maior profundidade, nos tornando mais sensíveis para ver onde Deus se revela nos dias atuais (sem ingenuidade). Se "Deus ouve o clamor dos pobres e oprimidos" (cf. Ex 3, 7; afirmação que também aparece em vários documentos da CNBB), o(a) teólogo(a) se utiliza das mediações necessárias para ajudar os pobres em seu processo

de libertação (tarefa que nos une a todos, leigos(as) padres, religiosos(as). Aqui lembro o Concílio Vaticano II em suas afirmações eclesiológicas e teológicas fundamentais e inovadoras: *“O sacerdócio comum dos fiéis”* e a *“Igreja como sendo todo o Povo de Deus”*.

Por fim respondo à última pergunta esboçada acima: o que significa fazer teologia dentro da Universidade (Universidade Católica)?

- Em primeiro lugar, a Universidade entendida como local da produção do saber (pesquisa), reprodução do saber (ensino) e extensão do saber (prestação de serviços à comunidade) é sempre o lugar da Ciência, entendida aqui como aquela que está em busca incessante da verdade (ainda que, de forma crítica, todos nós saibamos que ela não é neutra, se prestando, muitas vezes a aumentar a distância entre as classes sociais). Buscar a verdade é pôr por terra todo preconceito, toda superstição que causa medo, é eliminar todas as ideologias que permitem a exploração de um ser humano por outro, é tornar transparente as relações entre as pessoas, é fazer o que Albert Camus falou sobre a mesma: a ciência deve existir para diminuir os sofrimentos dos pobres ou sua existência não terá sentido.
- Em segundo lugar, a teologia neste contexto deve levar adiante, com toda sua razão de ser, o diálogo entre fé e razão. Não deve temer nem o ateísmo metodológico das ciências nem o agnosticismo, pois que, uma fé adulta só pode se constituir em confronto com todas as faculdades humanas, brotem elas do intelecto (consciente ou inconsciente) ou do “coração”.
- Deve aprender com humildade as conquistas que vêm de outra áreas das ciências e ao mesmo tempo, na esfera dos valores, apontar os horizontes éticos para a pesquisa científica e, sem desprezar a pesquisa de ponta, não esquecer de responder às urgências e necessidades de nosso tempo (campo da interdisciplinaridade).

Para encerrar, quero citar um artista goiano que diz que sua arte é universal naquilo que ela tem de particular, que é a sua profunda vinculação com a realidade de Goiás. Assim penso que deve ser a Teologia latino-americana, enraizada profundamente em nossa cultura,

feita a partir de nossa realidade social, com os compromissos políticos que dela brotam. E sendo a Teologia uma ciência, deve ter método próprio, sendo extremamente criteriosa em termos epistemológicos e jamais escondendo nossas opções ontológicas. Poderá então estar em diálogo com as teologias produzidas em outros continentes sem perder de vista as exigências colocadas por Jesus de Nazaré. Dessa forma nossa Teologia terá caráter universal.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, C., *Teologia e Prática. Teologia do Político e suas mediações*, Petrópolis, Vozes, 1982.

_____, *Teoria do Método Teológico*, Petrópolis, Vozes, 1988.

BOFF, C. & BOFF, L., *Da libertação. O teólogo das libertações sócio-históricas*, Petrópolis, Vozes, 1979.

BOFF, L., *Teologia do cativo e da libertação*, Petrópolis, Vozes, 1987.

_____, *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, Petrópolis, Vozes, 1988.

GUTIERREZ, G., *Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1975.

LIBÂNIO, J. B., *A volta à grande disciplina*, São Paulo, Loyola, 1984.

SEGUNDO, J. L., *Libertação da Teologia*, São Paulo, Loyola, 1978.

_____, *Teologia aberta para o leigo adulto. Essa comunidade chamada Igreja*, São Paulo, Loyola, 1978.

_____, Entrevista de Juan Luis Segundo, SJ, sobre a Teologia da Libertação, em *SEDOC 14* (dezembro de 1982), pp. 541-550.

TANGERINO, M. R. P., *A política na Igreja do Brasil*, Campinas, Alínea, 1997.

**O Prof. Márcio Roberto Pereira Tangerino é Bacharel em Teologia pelo ITCR da PUC-Campinas e Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.
e-mail: mrptangerino@uol.com.br**